



verve

Sobre a declaração final do Congresso...

## sobre a declaração final do congresso de st. imier/I.F.A.<sup>1</sup>, agosto de 2012

*nu-sol*

Os anarquismos e os anarquistas saúdam a vida libertária dispensando-se de determinações teóricas ou supostos condicionantes conjunturais. Os anarquistas afirmam suas lutas diante de uma urgência presente, em cada instante e na atualidade de suas práticas, que não reduzem a vida a um objeto e a um objetivo da política moderna.

A existência libertária é contestação da autoridade em qualquer lugar e a todo instante; é invenção de práticas segundo o que cada um faz libertariamente de si mesmo e *associado*. Isto jamais poderá ser sintetizado ou sistematizado em uma teoria, tampouco pode ser traçado enquanto verdadeira história, pois a história é feita com a honra dos inúmeros anônimos.

Na vida anarquista a invenção de práticas e a afirmação de suas memórias são atualização das lutas, sem desdenhar que a memória, também, é um campo de batalha.





## **Nós e a divulgação formal da declaração final**

O Nu-Sol saudou com alegria a realização do *Encontro Internacional Anarquista – 2012 St. Imier* como esforço de uma memória de 140 anos sobre um momento decisivo dos anarquismos e possibilidades de diversidades.

Enviamos nossa contribuição por escrito além de algumas das nossas produções audiovisuais realizadas nos locais em que trabalhamos e vivemos. Diante de um encontro internacional aberto aos libertários do planeta, informamos sobre nossas ações diretas e afirmamos nossas lutas. Nossas conversações libertárias não pretendem buscar diálogos com inimigos, aproximações, negociações ou sínteses. Pretendem abrir mais conversações, de guerra e de paz.

A declaração final do encontro apareceu, eletronicamente, similar aos documentos-síntese das agências internacionais de Estados, que anunciam sempre contemplar a pluralidade das posições presentes e, com isso, suprimem o que não deve aparecer no programa geral de ação. Desnecessário lembrar que o encontro de 140 anos atrás, que animou esse de 2012, respondeu a uma manobra perpetrada por um grupo que almejava um único programa revolucionário para trabalhadores da época.

## **O vírus do pluralismo na Anarquia**

O documento-síntese interdita a conversa de saída ao impor a convergência de esforços em torno de um *anarquismo social*. Pretende dar a entender que os demais anarquistas vivem numa bolha, são brandos ou impostores.





Sobre a declaração final do Congresso...

Os que afirmam a urgência em deixar essa pobre sociedade morrer não são ingênuos, nem mal intencionados, a ponto de ignorar os efeitos de poder dessa verdade nomeada como *sociedade* e que se pretende universal. Sabem que essa formulação teórica, antes de tudo, funciona como discurso de verdade que, dentre outras coisas, justifica seu duplo complementar: a sociedade política ou, se preferirem, o Estado.

Segundo este documento, o *anarquismo social* é pluralista e declara reconhecer formalmente as demais “correntes”.

Reivindica o lugar do anarquismo nas lutas trabalhistas, seu reconhecimento e contribuição às conquistas dos trabalhadores, garantidas pelo Estado.

Saúda as dissidências e os alternativos ao anunciar o combate à insegurança social, à precariedade do trabalho e realçar os protestos contra a perda de direitos sociais com renovação das desigualdades.

Não vê outra via que não a construção teleológica do momento final da vingança, numa revolução social que faria justiça a uma história de mais de 200 anos. É o platofarmismo falando em nome de todos e pretendendo conduzir cada um.

A ação direta, para os integrantes do *anarquismo social*, não passa de um conceito tático, subordinado a uma estratégia teórica, tentada por Nestor Mahkno, a ser realizada por meio de um pluralismo federado que unifica as diferenças.

Como o efetivado pela política liberal, todo pluralista deseja consolidar as identidades – o idêntico, o semelhante, o análogo e o oposto – em uma uniformidade que faz





da diferença o objeto da representação para produzir e re-  
produzir sujeições e assujeitamentos. O pluralismo, incor-  
porado por certos anarquistas, passou a ser o outro nome  
da *política* para os *grupos de afinidades*.

Ao anarquismo social apetece organizar as federações  
a partir das demarcações jurídico-políticas e linguísticas  
das fronteiras estatais. Pretende constituí-las como fede-  
rações regionais e nacionais até chegar à grande federação  
internacional.

Entretanto, ainda tem como referência *teórica* o  
Estado-nação e suas divisões subestatais. Essa estratégia do  
anarquismo social é anacrônica! Com a elastificação trans-  
territorial das fronteiras e o domínio das chamadas organi-  
zações e instituições internacionais, que pressionam o Esta-  
do para ajustar as regulamentações e regulações nacionais às  
globalizadas, os Estados também funcionam conectados em  
fluxos moduláveis de autoridade, violência e organização.

### **As melhorias e as minorias**

O documento-declaração se inscreve no programa  
planetário de *melhorias* das condições de vida, só que  
desta vez por meio do que chamam de auto-instituição  
política, com democracia direta e garantia dos direitos  
de minorias.

Desconhecem ou escaramuçam que as minorias foram  
capturadas pela racionalidade neoliberal e a democracia  
burguesa dentro das quais os trabalhadores desemprega-  
dos protestam por *novos empregos*.

Até mesmo as lutas ecológicas, tão em voga no presen-  
te, receberam somente uma anotação marginal, ignorando





Sobre a declaração final do Congresso...

as inúmeras análises anarquistas sobre o tema, em especial nos EUA, por meio das concepções conflitantes de Jonh Zerzan e Murray Bookchin.

Este último (também um discípulo de Hegel), tido como o pai fundador do *anarquismo social* – que os pagaios de piratas repetem *ad nauseam* – posiciona-se em oposição ao que lhe é insuportável e que chama de anarquismo como *estilo de vida*. Bookchin, além da disputa doméstica, elaborou uma densa análise sobre a ecologia já nos anos 1950 e que parece mal lida, incompreendida ou desconhecida pelos que professam o *anarquismo social*. Será que apenas teve seu conceito de *anarquismo social* capturado pelos sindicalistas e plataformistas que ele considerava ultrapassados?

## Os primos brigados

Há uma estranha síntese em curso na qual os marxistas contemporâneos e certos anarquistas unidos constatarem teoricamente a falência dos partidos e clamam pela necessidade de *outra* organização das massas para construção do poder popular.

Pai Hegel (admirado por Marx e Bakunin) abençoaria essa união do céu dos sábios com a mãe História. Teria o hibridismo político de Daniel Guérin, finalmente, conseguido a conciliação entre os alegados primos brigados? Contudo, os donos da História, essa juíza universal da razão, jamais apagarão a memória viva dos libertários que seguem na luta e dos que não se refestelam e estapeiam no debate teórico, como soube muitas vezes fazer com desenvoltura o próprio Daniel Guérin.





A memória das lutas não recorre aos escritos, combates e existências libertárias em busca de socorro das autoridades consagradas pela história para acomodar os *sacerdotes da teoria* ou *sentinelas do anarquismo*, porque muitos dos que a preservam e a atualizam sabem que são os combates no presente que norteiam os usos e abusos do passado.

Cada luta, cada palavra e cada existência é memória que arde como combustível para o combate presente. Como lembrou Proudhon, ela se dá como revolução permanente, a pequena guerra que travamos nessa vida que é uma batalha.

Nesse sentido a memória de dois anarquistas nos acompanha como alerta e alarme aos adormecidos no berço esplendido da verdadeira história e das emboloradas teorias. Um mais recente, Hakim Bey, lembrou: “Não proteste, desfigure!”. Outro, no começo do século passado, foi Émile Armand que diante da impossibilidade em definir um anarquista anotou: “Felizmente, jamais o reino da harmonia – estagnado, monótono e mortal –, se realizará sobre a terra. Sempre haverá contestadores, rebeldes, refratários, impérvios, críticos, pensadores, negadores, seres que amarão e odiarão vigorosamente, apaixonados, perturbadores, amorais, marginais, anarquistas. [...] Os que se preocupam, acima de tudo, com a escultura de seu próprio ser, não podem estar de acordo com os que não vão além da lenta transformação do ambiente.”

### **Teoria ou análise?**

O documento de St. Imier fala de coerência entre fins e meios. Resvala para o velho e abalorecido jeito de fazer





Sobre a declaração final do Congresso...

da política moderna. Devemos nos perguntar, com Emma Goldman, quais fins são estes e quais os seus meios? As respostas podem nos liberar de embarcar na aventura do justo para moralizar os fins, com revolução violenta ou revolução branda, sem esquecermos dos milhares de reformistas, alternativos e independentes.

A imposição de uma revolução, produzida pelos verdadeiros justos organizados segundo seu programa de ação política, apenas renova a precisa análise de Proudhon que situa a meta de uma revolução como preparação para a acomodação dos novos autoritários em nome da *sociedade*. É preciso deixar de exercitar a inócua distinção entre Proudhon e Marx, sublinhada por Lenin, a respeito dos meios diferentes para o mesmo fim.

A revolução pode ser um ato derradeiro contra o Estado, porque já existe uma sociedade mutualista e federativa, e mesmo dentro desta estarão os que se indisporão contra a *Ideia* de sociedade. Não há descanso para a luta, não há paraíso!

Aos anarquismos não cabe sub-avaliar os espaços de liberdade. No capitalismo liberal e neoliberal os espaços de liberdade são antes de tudo espaços de segurança (da propriedade, do Estado, do cidadão). Essa primeira década de século XXI nos levou a sentir na pele que as garantias à liberdade são na verdade garantias de livre concorrência que *produzem* seguranças, seguros e assegurados configurando as massas de protestos por empregos, punições e ingênua esperança em controle da corrupção. Onde há Estado há corrupção!

Não há tecnologia de poder a ser politizada e, portanto, fica reduzido à retórica ou a uma estratégia ainda pouco





definida ou dissimulada dizer que os anarquistas pretendem defender e alargar políticas de distribuição de renda (a mão liberal do New Deal como socialização de consumo) ou os mecanismos de rede de solidariedade social.

Partidos, eleições e participações não trazem melhorias à vida libertária, e neste sentido os protestos *independentes* e *indignados*, mesmo lançando mão de táticas anarquistas, as pacificam em negociações governamentais.

Qual anarquista quer melhorar na vida? Quem pretende isso, com todas as colaborações da sociedade civil organizada é o capitalismo de *ponta* com tecnologias e negócios sociais do desenvolvimento sustentável e a busca por garantir o *futuro* das gerações.

O capitalismo sustentável capturou em grande parte a chamada *sociedade civil organizada*, dando a crer que a distinção teórica entre Estado e sociedade civil, que nunca passou de um artifício de dominação, hoje se encontra superada. Antes, foram teoricamente separadas para se apoiarem uma na outra; hoje, superada a separação, estão imantadas ou conectadas por meio de participações e jogos de interesses entre cidadãos e trabalhadores na empresa responsável, sustentável e cidadã.

Cabe aos anarquistas embarcar em *revisão teórica* em nome da emancipação humana? Não há teoria anarquista possível e cabível voltada para a abolição do Estado. Fazer de certos anarquistas os seus teóricos na atualidade é chegar muito atrasado na história, é clamar pelo pastor, é perder a memória! Anarquista analisa cada movimento e se revira constantemente: seus intelectuais não são vanguarda, mas retaguarda! O lugar tranquilo da teoria está no pensamento burguês e no dos revolucionários do pas-







Sobre a declaração final do Congresso...

sado. Bakunin, Kropotkin e Malatesta foram imprescindíveis para sua época. Bakunin e Malatesta foram analistas incisivos. Kropotkin tentou ir mais longe e propor, pelo avesso de Marx, um *anarquismo científico*, teórico, engessado, tentando corrigir o rumo *justo* para a evolução e o desenvolvimento humanos.

O movimento anarquista nunca precisou de teoria para enfrentar o Estado, o capitalismo e o comunismo: eclodindo produzindo abalos, afirma cada individualidade e suas associações. Em certos momentos armou-se e combateu destemidamente, mas, no dia a dia da nossa vida, não deixou de interceptar qualquer relação de poder hierarquizado, por dentro e de fora dos anarquismos.

Não há emancipação humana (fim) pela *melhoria* das condições de existência (meios). Com isso na cabeça, o neoliberalismo não só agradece como rouba nossas palavras de práticas preciosas como *ação direta*, *autogestão*, *solidariedade* e *liberdade de se autogovernar* (que não é sinônimo de livre-arbítrio), repaginando seus discursos em ONGs, fundações, institutos e empresas.

Não estamos em regressão social, política e ecológica, como afirma o documento-declaração. Estamos em outro tempo histórico, que exige outros espaços libertários. Quem quer voltar ao passado idílico do burguês Rousseau ou ao comunismo primitivo tecnologizado do autoritário Marx?

Proudhon mostrara que o comunismo é o regime da autoridade severa, no passado e no futuro. Estava enganado? Alguém ainda imagina a nova sociedade somente após abolir o Estado? Se for isso, os meios continuam os mesmos dos marxistas, a ilusão do igualitarismo é a mesma e o que se pretende é adequar-se aos *meios organizativos*.





As lutas do século XIX e da primeira metade do século XX foram efeitos do iluminismo. Ainda hoje deve ser assim? Onde estão os sindicalistas revolucionários, quando o sindicato se transformou em empresa, parceiro de negociações governamentais e a gestão da empresa ultrapassou a fábrica?

Taí um ponto impossível de discordância com as análises de Murray Bookchin. Nosso problema político não depende de partido, *organização* ou sindicato. Talvez de associações em federação livre das demarcações territoriais e com o mutualismo econômico.

Um anarquista não engole ser *identificado* como alternativo: isso é coisa na qual as minorias ficaram ajustadas pelos direitos e capturadas pelas políticas de governo da empresa, do Estado, de suas vidas mediócras. Tornaram-se composições convergentes e majoritárias.

Os anarquistas, ao contrário, sempre foram minorias potentes. Não se pode desconhecer os anarquistas que não se identificam como *anarquista social* (opô-lo a *estilo de vida* é julgar, subjugar, tentar colocar no ostracismo o que o liberalismo faz com desenvoltura democrática e o comunismo fez com tribunais populares justos).

Os anarquistas estão em todos os lugares para incomodar e inventar suas liberdades sem pensar em segurança. Não são otários que se vestem de heróis. Não confundem suas intempestividades com descabros, nem se fazem de cordeiros com diálogos mansos ou eruditos. Preferem ser anônimos e deixar a ribalta e o púlpito aos ilusionistas teóricos, aos supostos organizadores da massa, aos que se afirmam pluralistas e que se pretendem hegemônicos.





Sobre a declaração final do Congresso...

Tudo bem com a turma do *anarquismo social*, mas nada aceitável essa história de ter de engolir que estão certos e pretenderem ter os demais sob seu programa. Nosso interesse comum não é o seu interesse hegemônico. Ninguém é autônomo!

### Transcrevendo...

O site do *Grupo Libertario de Acción Directa*<sup>2</sup> noticiou que o representante brasileiro, “como é habitual nestes grupos, apresentou sua corrente [plataformista ou especificista] como se fossem os únicos anarquistas no Brasil. Este comportamento é uma constante entre os plataformistas [ou especificistas como se chamam no Brasil], que se apropriam da linguagem do conjunto do movimento de maneira excludente. (...) É evidente que cada ativista tem uma ideia diferente de como levar adiante a luta. Ainda que compartilhem mais ou menos ideias similares sobre a sociedade a que queremos chegar, a divergência quanto aos métodos a serem empregados é consideravelmente maior. (...) O problema surge quando esta divergência de critérios é usada como desculpa para justificar atitudes autoritárias contra os demais companheiros. (...) Seja como for, a atitude de certos grupos, coletivos e individualidades que se atribuem o direito de excluir os outros, em virtude de uma suposta falta de pureza ou ortodoxia, deve ser rechaçada”.

O site do *Grupo de Estudios José Domingos Gómez Rojas*<sup>3</sup> publicou uma crônica dos dias em St. Imier da qual destacamos as seguintes passagens: “no caso particular da mesa sobre ‘anarquismo e inovação política’, parecia que, às vezes, era uma inovação de finais do século XIX, com





muitas fórmulas conhecidas, mas nesta ocasião tratava de assinalar o movimento dos *indignados*, sobretudo pelo seu caráter anárquico quanto organização”. Neste sentido, prossegue a crônica, citando o plataformismo ou especificismo de brasileiros dizendo que “pudemos articular nossas críticas e receios a este tipo de organização com outro olhar.” Sublinham o quanto são desconhecidas as práticas anarquistas latino-americanas por anarquistas europeus, e o quanto estes estão marcados pelas notícias sobre movimentos marxistas-leninistas, e concluem constatando o quanto nos desconhecemos na América Latina, inclusive dentro do Brasil, pois, “apesar de nosso espírito internacionalista, esquecemos a necessidade de encontros, da conversação sincera, da aprendizagem de nossas experiências, apesar de vivermos deste lado do mundo”.

## Dizendo

O Nu-Sol afirma a vida libertária que se associa na luta, não se filia ao que teoricamente é definido como correntes dos anarquismos – somos abolicionistas do castigo, não estamos presos ou imantados a correntes –, e tampouco reduz suas lutas às afinidades ideológicas.

Não lutamos *pela* liberdade, mas lutamos nesse mundo *com* liberdade, afirmando uma cultura libertária que não necessita de provas ou justificativas da História, tampouco de uma formulação teórica que ateste sua razoabilidade ou eficácia. Todo universal de liberdade supõe segurança e uma força que a garanta!

Apreciamos, respeitamos e aprendemos com as lutas trabalhistas do passado, da mesma maneira que reconhece-





## verve

Sobre a declaração final do Congresso...

mos seus esgotamentos nas disputas autoritárias e disciplinares no interior dos sindicatos.

Os jovens trabalhadores manuais e intelectuais de hoje talvez não tenham descoberto ao que estão sendo levados a servir, não por eclipse de consciência, mas por estarem satisfeitos com as benesses do atual capitalismo planetário, que exige que cada trabalhador se repagine como capital humano. Enquanto isso, os que se autoproclamam como resistência se estapeiam numa briga pela propriedade da memória do passado ou pacificando a luta entre *primos brigados*.

A vida libertária segue em luta com as dificuldades que cada lutador sente na pele, pois quem luta sabe que o sangue corre e escorre livre de conjunturas e das condições históricas determinadas.

Não disputa a verdade, afirma a existência como ação direta que nega as representações, da mesma maneira que considera e não despreza as chamadas interpretações verdadeiras e as abiloladas tentativas de unificação hegemônica em um programa revolucionário. O anarquista está desperto!

E se for o caso de buscar onde começa a anarquia que nos inflama, fiquemos com Sebastián Faure, inventor da palavra libertário e ativo militante das discussões sobre organiza o, pontualmente realizadas no final do século XIX, começo do século XX, emergidas por implica es do terrorismo anarquista e da brutal repressão estatal que se seguiu contra os anarquistas que praticavam e os que não praticavam o terrorismo.

Nossas palavras destinadas a todos os companheiros que puderam ir a St. Imier foram divulgadas somente pela a o direta de *compas* que a xerocaram; enviamos resulta-





dos de diversas práticas documentadas que foram atiradas junto com nosso documento no ostracismo... Enfim, ao nosso modo *fomos* a St. Imier e voltamos de lá com a certeza de não sermos pluralistas e avessos às identidades, o que é *comum* aos juízes, aos superiores e aos majoritários.

Em sua enciclopédia anarquista, Faure, generosamente, definiu o anarquista como quem nega autoridade e luta contra ela, seja lá qual for o lugar em que busca se instaurar, até mesmo entre os anarquistas.

Que vivamos todos e que essa merda chamada *diálogo* – o saber do sacerdote sobre o consentimento do ignorante – tão afeito à *polêmica* – a prática doutrinária por excelência onde ninguém arreda o pé de sua platitude – a cada dia se transforme, pelo menos entre nós, em conversação.

Viva a vida anarquista e saúde aos corajosos lutadores libertários!

## Notas

<sup>1</sup> Ver objetivos e princípios da I.F.A. em <http://www.afed.org.uk/organisation/aims-and-principles.html>.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://grupolibertarioacciondirecta.wordpress.com/2012/08/25/cronica-encuentro-anarquista-stimmier-2012/#more-1405>.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://grupogomezrojas.org/2012/08/31/cronica-los-dias-en-saint-imier-por-grupo-gomez-rojas/>.

